



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SANTA
CATARINA – CÂMPUS SÃO JOSÉ

ÁREA DA CULTURA GERAL

QUÍMICA – LICENCIATURA

THAIS DE OLIVEIRA

**REFLEXÕES DE GÊNERO NA FORMAÇÃO DOCENTE EM QUÍMICA:
MOTIVAÇÕES DE DISCENTES DOS CURSOS DE LICENCIATURA DO IFSC/SJ**

SÃO JOSÉ – SC

2021

THAIS DE OLIVEIRA

**REFLEXÕES DE GÊNERO NA FORMAÇÃO DOCENTE EM QUÍMICA:
MOTIVAÇÕES DE DISCENTES DOS CURSOS DE LICENCIATURA DO IFSC/SJ**

Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Química, pelo Curso de Química – Licenciatura do Instituto Federal de Santa Catarina – Câmpus São José.

Orientadora: Prof^ª Dra. Flavia Maia Moreira

Coorientadora: Prof^ª Dra. Paula Alves de Aguiar

SÃO JOSÉ – SC

2021

Ensine a ela que “papéis de gênero” são totalmente absurdos. Nunca lhe diga para fazer ou deixar de fazer alguma coisa “porque você é menina”.

“Porque você é menina” nunca é razão para nada. Jamais.

(Chimamanda Ngozi Adichie)

REFLEXÕES DE GÊNERO NA FORMAÇÃO DOCENTE EM QUÍMICA: MOTIVAÇÕES DE DISCENTES DOS CURSOS DE LICENCIATURA DO IFSC/SJ

Thais de Oliveira¹
Flavia Maia Moreira²
Paula Alves de Aguiar³

RESUMO

Nos cursos de Licenciatura em Química e Licenciatura em Ciências da Natureza com Habilitação em Química do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina - Câmpus São José (IFSC/SJ), todos os Projetos de Estágio e Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) realizados dentro da temática de gênero e ensino foram desenvolvidos por mulheres. Diante disso, o presente trabalho busca identificar quais foram os motivos que levaram cada uma das licenciandas a trabalharem dentro dessa perspectiva e, além disso, identificar as suas intenções ao abordarem a temática de gênero articulada ao ensino em seus trabalhos, bem como o papel dos discursos de gênero na constituição identitária de cada uma dessas mulheres. A pesquisa seguiu uma perspectiva qualitativa, com metodologia de história de vida. Os dados foram coletados a partir de entrevistas semiestruturadas com os sujeitos da pesquisa. A análise dos dados coletados ocorreu através da Análise Documental, e foi constatado que o interesse de todas as entrevistadas surgiu a partir de vivências relacionadas às diferenças de gênero em suas vidas, bem como a partir da construção de diálogos sobre a temática dentro do ambiente acadêmico, demonstrando a importância desse tema ser trabalhado nos cursos de formação de professores.

Palavras-chave: Ensino de Química. Formação docente. Gênero.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende investigar os motivos que levaram as/os discentes dos cursos de Licenciatura do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina – Câmpus São José (IFSC/SJ) a desenvolverem seus Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) e/ou Projetos de Estágio dentro de temas relacionados a gênero. Com isso, buscamos conhecer as motivações de cada uma das pessoas que trabalharam dentro de tal perspectiva. Assim, pretendemos pesquisar quais motivos específicos as influenciaram neste percurso, além de apurar as intenções de cada uma dessas pessoas ao desenvolverem seus trabalhos voltados

¹ Licencianda do curso de Química – Licenciatura do Instituto Federal de Santa Catarina, câmpus São José.

² Prof.^a Dra. Orientadora (Área da Cultura Geral), Instituto Federal de Santa Catarina, câmpus São José.

³ Prof.^a Dra. Coorientadora (Área da Cultura Geral), Instituto Federal de Santa Catarina, câmpus São José.

para a temática em questão, bem como o que as incentivou a trilhar tais percursos. Esta pesquisa busca verificar de que forma a discussão da temática de gênero influenciou na constituição identitária dessas/es docentes e como se refletem em suas práticas educativas e profissionais. Partindo da temática proposta, pretendemos responder ao problema de pesquisa: Quais as motivações e intenções das pessoas dos cursos de Licenciatura do IFSC/SJ ao fazerem trabalhos envolvendo gênero e ensino em seus TCCs e Projetos de Estágio? Essa discussão torna-se relevante, considerando que os preconceitos e estereótipos sobre a questão de gênero se refletem em nossa sociedade e, conseqüentemente, nas práticas educativas.

De acordo com o Artigo 5º da Constituição Federal (BRASIL, 1988), homens e mulheres são iguais perante a lei. Apesar disso, as mulheres tiveram, em 2019, um rendimento salarial médio 22,3% menor que o dos homens (IBGE, 2021). A partir desses dados, podemos inferir que vivemos em uma sociedade androcêntrica, ou seja, numa sociedade onde as mulheres são consideradas inferiores aos homens, seja nos aspectos biológicos – como características inerentes de determinado sexo –, seja nos sociais – como governar a sociedade, criando leis e ocupando posições de poder (RIBEIRO; PÁTARO, 2014).

Pesquisas apontam que as mulheres tendem a se concentrar em áreas de trabalho como a Psicologia, Linguística, Serviço Social, Enfermagem e cursos afins, considerados predominantemente femininos (SILVA; RIBEIRO, 2014). Igotofsky (2017), baseada no censo norte-americano de 2011, relatou que a diferença no percentual de trabalho total entre homens e mulheres é de apenas 4%, sendo os homens 52% e as mulheres 48%. Ao adentrar na área de Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática, usualmente chamada de STEM – do inglês *Science, Technology, Engineering and Mathematics* – evidencia-se que a maioria das pessoas graduadas em Ciência e Engenharia, em 2011, são homens, sendo estes 61%, e as mulheres, 39%. Ainda de acordo com Igotofsky, a força de trabalho em STEM é ocupada por 76% de trabalho masculino e 24% feminino.

No IFSC/SJ, campo de estudo em questão, também existe uma diferença no percentual entre cursos considerados “humanos” e “exatos”. Realizamos uma pesquisa exploratória sobre o curso de Química – Licenciatura, a qual revelou que há uma divisão balanceada entre gêneros nas/os estudantes, sendo 49,2% do público do sexo feminino e 50,8% masculino. Já no curso de Engenharia de Telecomunicações, 23,5% do público discente é do sexo feminino, contrastando com os 76,5% do masculino (BRASIL, 2019).

Os cursos de Licenciatura do IFSC/SJ surgiram a partir da Lei nº 11.892/2008, que possui como um de seus objetivos:

[...] VI - ministrar em nível de Educação Superior [...] curso de licenciatura, bem como programas especiais de formação pedagógica, com vistas na formação de professores [e professoras] para a Educação Básica, sobretudo nas áreas de Ciências e Matemática, e para a Educação Profissional [...] (BRASIL, 2008, Art. 7º).

No Câmpus São José o curso ofertado inicialmente foi o de Licenciatura em Ciências da Natureza com Habilitação em Química (LCNQ), a partir de 2009. Em 2015, porém, os cursos que formavam profissionais da educação com dupla habilitação transformaram-se em licenciaturas com habilitação única, através de “um processo de reformulação curricular, cujo início se deu ano anterior. Essa mudança esteve atrelada, dentre outros fatores, à construção das primeiras diretrizes para os cursos de licenciatura ofertados pelo IFSC” (DREWS, 2019, p. 41). Tal reformulação resultou, então, no curso de Licenciatura em Química, que teve diversas mudanças no Projeto Pedagógico do Curso (PPC).

Os TCCs e Projetos de Estágio foram escolhidos para o desenvolvimento da pesquisa pelo motivo de ambas as disciplinas estarem presentes nas fases finais do curso, onde a construção identitária da/o aluna/o como docente já está minimamente constituída. Na reta final do curso, as/os discentes já trilharam todo um percurso, tanto na vida acadêmica quanto na pessoal, que as/os levaram a ter determinadas preferências para desenvolverem trabalhos como os que são pedidos nos Estágios Supervisionados e, principalmente, no TCC.

A identidade é construída a partir do mundo cultural e social, ou seja, “[...] está sujeita a vetores de força, a relações de poder. Elas não são simplesmente definidas; elas são impostas” (SILVA, 2009, p. 81) e, também, construídas e modificadas a partir das interações dialógicas desenvolvidas. Por este motivo, escolhemos construir a pesquisa dentro deste nicho, pois são justamente essas vivências (acadêmicas e/ou pessoais) que são o foco da nossa curiosidade, dentro da perspectiva de gênero e ensino, aplicadas à subjetividade do sujeito a ser pesquisado.

Este trabalho, então, foi desenvolvido por conta de uma intensa curiosidade pessoal em conhecer os motivos e influências que as discentes tiveram para desenvolverem trabalhos na perspectiva proposta. Além disso, possui, na questão social, relevância para a investigação do papel que o debate sobre gênero possui na formação docente e na identidade das professoras. No quesito acadêmico, mostra-se pertinente em relação à contribuição para cursos de formação de professoras/es, para que haja a desconstrução de estereótipos de gênero, evitando a

perpetuação de atitudes sexistas. Por fim, esta pesquisa é importante, devido à escassez de trabalhos abordando as temáticas de gênero e ensino de Química.

A pesquisa que originou este artigo, portanto, teve como principal objetivo investigar os motivos que levaram as discentes das Licenciaturas do IFSC/SJ a desenvolverem seus TCCs e Projetos de Estágio dentro do campo de gênero e ensino. Com isso, buscamos compreender, a partir de seus discursos, quais motivos as levaram a realizar as pesquisas nessa temática e analisar, sob a perspectiva de gênero, os dados coletados durante o processo de investigação. Além disso, identificamos como os discursos de gênero na graduação influenciaram na constituição identitária das acadêmicas.

A próxima seção deste trabalho apresenta a metodologia utilizada na pesquisa. A parte seguinte à metodologia está dividida em duas partes, onde a primeira discute as questões de gênero acerca da sociedade androcêntrica em que vivemos, e a segunda aborda como essas questões implicam no sistema educacional. Na terceira etapa do trabalho, são apresentados os resultados e as discussões dos mesmos, estando esta dividida em, primeiramente, uma seção individual apresentando cada entrevistada, onde são destacados os principais pontos levantados durante as entrevistas e, em seguida, são discutidos os resultados e as relações entre os discursos das entrevistadas. A parte final do trabalho traz as reflexões acerca da pesquisa e dos resultados obtidos com as entrevistas.

1. METODOLOGIA

Em pesquisa exploratória prévia, constatou-se que, dentro das Licenciaturas do IFSC-SJ, todos os TCCs e Projetos de Estágio relacionados à temática de gênero e ensino foram desenvolvidos por mulheres. Dos 50 TCCs desenvolvidos pelas/os acadêmicas de Licenciatura analisados, compreendendo o período dos anos de 2015 a 2019, 3 foram trabalhados dentro de tal perspectiva, sendo o mesmo número para os Projetos de Estágio¹.

A pesquisa realizada teve caráter qualitativo, caracterizada como história de vida. A pesquisa qualitativa “[...] trabalha com valores, crenças, hábitos, atitudes, representações, opiniões e adequa-se a aprofundar a complexidade de fatos e processos particulares e

¹ No total, foram 4 Projetos de Estágio desenvolvidos na perspectiva de gênero e ensino, um deles tendo sido realizado por uma das autoras. A escolha por não contabilizar o Projeto de Estágio da autora ocorreu para manter o foco nas vivências das entrevistadas, numa tentativa de separar as relações que permeiam as vivências da autora com o trabalho.

específicos a indivíduos e grupos” (PAULILO, 1999, p. 135). Dentro da abordagem qualitativa, existem diversas possibilidades metodológicas, e uma delas é a história de vida. A pesquisa que envolve história de vida “[...] é um processo de construção de conhecimento a partir da relação específica entre dois atores: pesquisador e sujeito pesquisador” (NOGUEIRA et al., 2017, p. 468). Esse processo, então, envolve o processo de escuta, pela/o pesquisador(a), através de entrevistas, que podem ser gravadas ou não, do relato da experiência de vida de uma pessoa, sobre um determinado momento da sua vida.

Nessa pesquisa, as entrevistas, que ocorreram seguindo um roteiro semiestruturado, foram realizadas após a pesquisa exploratória sobre TCCs e Projetos de Estágio desenvolvidos na perspectiva de gênero e ensino, sendo este o instrumento de coleta de dados. Este mapeamento teve como objetivo identificar os trabalhos que foram desenvolvidos baseados na perspectiva proposta, bem como as autoras dos mesmos. Foi realizada a leitura e sistematização dos principais aspectos discutidos nos trabalhos, mapeando os referenciais teóricos trabalhados e as perspectivas de gênero desenvolvidas. As entrevistas semiestruturadas, realizadas após este mapeamento inicial, continham questões que nortearam a conversa com as entrevistadas, com a possibilidade de mudanças de “roteiro”, a fim de coletar o máximo de informações nos seus momentos de fala. Após cada participante assinar o termo de consentimento livre e esclarecido, as entrevistas foram realizadas por meio de videochamadas (via Google Meet), que foram gravadas para posterior transcrição dos dados. Todas as entrevistadas permitiram o uso de seus nomes reais na divulgação dos dados obtidos.

A análise dos trabalhos seguiu uma proposta de Análise Documental (AD) que, segundo Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009), é uma produção ou reelaboração de conhecimentos, bem como a criação de novos métodos para a compreensão de fenômenos. Quem está investigando deve interpretar os fatos levantados nas pesquisas analisadas, além de “sintetizar as informações, determinar tendências e na medida do possível fazer a inferência” (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009, p. 10). A AD, então, foi desenvolvida através da leitura e compreensão dos trabalhos mapeados anteriormente.

A escolha por uma metodologia qualitativa, que aborda a história de vida, foi selecionada para o desenvolvimento do projeto por conta do foco da pesquisa, que busca investigar os motivos que levaram as/os discentes dos cursos de Licenciatura do IFSC/SJ a desenvolverem seus TCCs e Projetos de Estágio dentro da perspectiva de gênero e ensino. A partir disso, tornou-se necessária a análise dos discursos das pessoas envolvidas nos trabalhos

em questão, e, portanto, a utilização da entrevista semiestruturada foi a ferramenta adequada para a coleta de dados, já que a partir dela é possível identificar aspectos pessoais que a/o entrevistada/o considera importantes em relação ao assunto escolhido.

2. GÊNERO E SOCIEDADE

A questão de gênero é, cada dia mais, discutida na sociedade, tanto nos meios acadêmicos quanto em situações diárias. Para que essas discussões sejam realizadas atualmente, foram necessários muitos anos de aperfeiçoamento e desenvolvimento nos estudos da temática, a fim de que fosse construída uma visão mais igualitária entre os gêneros. De acordo com Teixeira e Costa (2008), Gustave Le Bon, escritor e psicólogo francês, dizia, em 1879, que nas raças mais inteligentes, existiam inúmeras mulheres que tinham o tamanho de seu cérebro mais aproximado ao de um gorila do que ao de um homem, que era considerado mais desenvolvido. De acordo com ele, a inferioridade feminina era tão perceptível que nenhuma pessoa poderia contestá-la, apenas discuti-la.

Le Bon afirmava que, logicamente, existiam mulheres que se sobressaíam e que eram mais inteligentes que o homem mediano. Em contrapartida, garantia que essas mulheres que se destacavam eram tão raras quanto o aparecimento de qualquer deformidade, como um gorila com duas cabeças e, por conta disso, podiam ser deixadas totalmente de lado. Supõe-se que a concepção de Le Bon era aceita socialmente, já que no século XIX ocorreram diversos ataques às mulheres, e que, durante séculos, não lhes era permitido o exercício de atividades rotineiras aos homens, como estudar, votar e trabalhar.

Nossas características são construídas, também, pela sociedade e, portanto, as pessoas constroem uma imagem de mundo ideal, ou seja, modelos específicos de como a sociedade deveria funcionar. Essa imagem não se constrói sozinha, mas a partir da convivência com outras pessoas. Se estas vivem em uma sociedade androcêntrica, provavelmente irão reproduzir atitudes sexistas e machistas, pois essa é a realidade na qual estão situadas (RIBEIRO; PÁTARO, 2014).

Este processo, no âmbito da disciplina, é chamado por Foucault (1987) de “fabricação de indivíduos”, onde a disciplina, por um lado, expande as forças do corpo, se empregada em termos de utilidade e, ao mesmo tempo, reduz essas mesmas forças, no sentido político de obediência. Esse processo de fabricação ocorre de maneira sutil, e pode ser percebido através de atividades rotineiras que envolvem todas as pessoas. São, portanto, essas atividades comuns,

“[...] os gestos e as palavras banalizadas que precisam se tornar alvos de atenção renovada, de questionamento e, em especial, de *desconfiança*. A tarefa mais urgente talvez seja exatamente essa: desconfiar do que é tomado como ‘natural’” (LOURO, 2003, p. 63).

Segundo Kishimoto e Ono (2008), é durante a infância que os papéis de gênero surgem, juntamente com os preconceitos que são refletidos no uso de brinquedos. A partir disso, questiona-se a naturalidade da divisão entre meninas e meninos para a realização de trabalhos em grupos na escola, ou como ocorre a escolha “natural” de brinquedos, que é diferenciada a partir do sexo da criança. Acredita-se que meninas são menos curiosas e agitadas que meninos, apresentando preferência a atividades mais serenas, e que isso é algo “natural”, ou seja, intrínseco às características femininas e masculinas. Louro (2003), questiona, nessa perspectiva, se quando uma criança foge de situações esperadas, como uma menina gostar de jogos violentos – algo que é considerado natural para um menino –, seria necessária uma preocupação, pois isso pode estar indicando algum tipo de desvio comportamental?

As representações sociais e culturais de saberes que são pertencentes a determinados sujeitos estão intimamente vinculadas ao gênero, e são sustentadas pelo pensamento hegemônico. A partir disso, a escola, com seu currículo, material didático, normas, valores e padrões culturais que reproduzem discriminações, pode ser considerada uma instituição onde são reproduzidas as diferenças de gênero (REIS; GOMES, 2009). “Gênero”, de acordo com Scott (1995), refere-se a um modo de indicação de construções sociais, ou seja, a criação social de concepções sobre os papéis e funções adequadas a homens e mulheres. Gênero, nessa perspectiva, é “um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, e [...] é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86). Em outras palavras, é uma forma de organização da sociedade em função da diferença sexual.

Aqui, então, “gênero” é percebido como os estereótipos culturalmente construídos em relação à personalidade e comportamento, possuindo o corpo como uma variável atuante na forma de distinção entre feminino/masculino presente na sociedade (NICHOLSON, 2000). Se a forma como a escola é estruturada pode ser considerada perpetuadora das diferenças de gênero, então *o que é ensinado*, e *como é ensinado*, são fatores que devem ser colocados em pauta, já que é através da linguagem que se percebe o sexismo. “Sexismo”, de acordo com o dicionário (DICIO, 2019), é a “atitude, discurso ou comportamento, que se baseia no preconceito e na discriminação sexual: a exaltação exagerada do masculino ou do feminino é

uma forma de sexismo”. Diante disso, mostra-se necessária a discussão de como ocorrem as atitudes que podem influenciar e perpetuar ou, preferencialmente, ressignificar e desconstruir o discurso sexista na escola.

3.1 PRÁTICAS SEXISTAS NO ENSINO

Atitudes sexistas são percebidas em pequenos detalhes. Louro (2003, p. 66), por exemplo, diz que

[...] é impossível esquecer que umas das primeiras e mais sólidas aprendizagens de uma menina, na escola, consiste em saber que, sempre que a professora disser que “os alunos que acabarem a tarefa podem ir para o recreio”, *ela* deve se sentir incluída. Mas ela está sendo, efetivamente, incluída ou escondida nessa fala?

É comum, em uma sala que possui um grande número de mulheres, que a/o orador(a) empregue em seu discurso o plural masculino, a partir do momento que visualiza um homem na plateia – algo que até mesmo a língua portuguesa considerada padrão enfatiza. Do mesmo modo, é comum referir-se à toda a espécie humana com a palavra “*homem*”, e não somente à caracterização de um indivíduo do sexo masculino – como ocorre para “*mulher*” (LOURO, 2003). Seria esse discurso capaz de implicar em como as meninas aprendem e se enxergam na escola/sociedade? Ainda de acordo com Louro (2003, p. 66),

[...] é impossível avaliar todas as implicações dessa aprendizagem; mas é razoável afirmar que ela é, quase sempre, muito duradoura. É muito comum que uma profissional, já adulta, refira a si própria no masculino: “eu, como pesquisador...”. Afinal, muitos comentariam, isso é “normal”.

A escola, nessa perspectiva, é um ambiente onde ocorrem discussões relacionadas aos vínculos sociais, sendo, portanto, um local que pode servir “[...] tanto de reprodução quanto de contestação das hierarquias, e é preciso perceber como isto ocorre, para tornar efetivo o combate às desigualdades” (SCOTT; LEWIS; QUADROS, 2009). A discussão, então, dos discursos de docentes, mostra-se importante, pois a partir da educação é possível a ocorrência da perpetuação ou minimização de atitudes androcêntricas e sexistas. A transversalidade desses fatos produz desdobramentos para os currículos, com seus programas de ensino e metodologias, tornando-se fundamentais para serem discutidos nos programas de formação de professoras/es, como na licenciatura do IFSC/SJ.

A escola, apesar de muitas vezes ser vista somente como um espaço onde são ditas apenas as palavras mais sábias e os conhecimentos mais certos, é um local de troca de

vivências e ensinamentos para a vida (ARAÚJO, 2015). O ambiente escolar é composto por uma gama de pluralidade altíssima, dentro dos espectros sociais, culturais e econômicos. Portanto, é relevante que não sejam apenas compartilhados os conteúdos de forma a somente compreendê-los, mas incorporá-los à realidade em que o corpo discente está inserido naquele momento, utilizando essa pluralidade escolar em benefício da sociedade como um todo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 AS ENTREVISTADAS

Nesta seção do trabalho foram realizados resumos dos Projetos de Estágio e TCCs trabalhados dentro da temática de gênero e ensino, com o objetivo de apresentar os estudos das licenciandas entrevistadas e compreender o panorama geral de seus trabalhos. No Quadro 1 são apresentados os Projetos de Estágio que foram desenvolvidos dentro da temática de gênero e ensino e o foco principal dos trabalhos.

Quadro 1: Levantamento dos **Projetos de Estágio** trabalhados na perspectiva de gênero e ensino

Ano	Autora	Título	Resumo
2015	Carolina	Os ideais feministas no Ensino de Química: Uma proposta pedagógica problematizadora.	O trabalho buscou articular os ideais do movimento feminista e as questões de gênero com o ensino de Química, para compreender como esta articulação contribui para a ressignificação das identidades dos sujeitos com relação aos seus papéis sociais, e como esses atribuem sentidos ao ensino de Química nesta perspectiva de ensino transdisciplinar.
2018	Bruna	Absorventes íntimos femininos e preservativos masculinos: Impactos ambientais.	O trabalho objetivou compreender o que são materiais poliméricos plásticos e quais são os principais impactos ambientais decorrentes da ampla utilização na fabricação de absorventes femininos e preservativos masculinos, desenvolvendo, a partir disso, uma postura crítica em relação às escolhas pessoais de consumo, não só pensando no seu próprio eu, mas principalmente em sua comunidade e sociedade.
2018	Leila	O gênero da Química: Visibilizando histórias de vidas extraordinárias.	O trabalho problematizou a representatividade e igualdade de gênero no campo da Química durante as aulas da disciplina, mostrando personagens históricas femininas renomadas e as que não constam dos livros didáticos, além de re-escrever biografias de químicas renomadas na história, suas contribuições, conquistas e desafios e escrever biografias de químicas que não estão nos livros didáticos, tanto estrangeiras como brasileiras, suas contribuições, conquistas e desafios.

A seguir, no Quadro 2, constam os Trabalhos de Conclusão de Curso desenvolvidos na perspectiva proposta, bem como os resumos dos mesmos.

Quadro 2: Levantamento dos **Trabalhos de Conclusão de Curso** desenvolvidos na perspectiva de gênero e ensino.

Ano	Autora	Título	Resumo
2015	Aline	Gênero e educação sexual no conteúdo programático “Reprodução humana” do Ensino Fundamental nas escolas públicas do distrito da Enseada do Brito.	O trabalho analisou como gênero e educação sexual são apresentados no conteúdo de reprodução humana nos livros de Ciências do 8º ano utilizados nas escolas do distrito da Enseada do Brito, em especial as imagens abordadas nos mesmos.
2016	Carolina	Discussões de gênero e do movimento feminista no ensino de Química: Uma proposta pedagógica de articulação.	O trabalho teve como objetivo articular discussões do movimento feminista e de gênero com o ensino de Química, procurando compreender como essa articulação pode contribuir para a problematização das identidades dos sujeitos em relação aos seus papéis sociais e reflexão sobre a equidade de gênero.
2019	Bruna	Interesses profissionais de meninas em fase de escolha: Quando as Ciências Exatas não são uma opção.	O trabalho mapeou as aspirações vocacionais de meninas e relacionou os dados com a segregação de determinadas áreas profissionais. Além disso, identificou as motivações e influências destas meninas a partir da visão delas, problematizou os dados a partir da sub-representatividade feminina nas áreas de Ciências Exatas e da Terra e estabeleceu relação entre escola e professoras destas áreas e como poderiam contribuir para despertar o interesse destas meninas.

Essa seção do trabalho apresenta, de forma individual e resumida, cada uma das entrevistadas, e os principais pontos levantados por cada uma das delas durante o processo de coleta de dados da pesquisa, como o modo que chegaram até o curso de Licenciatura e os principais fatores que as fizeram se interessar e trabalhar com a temática de gênero nos seus trabalhos do curso.

Aline, 36 anos, professora de Ciências efetiva da rede municipal de Palhoça – SC.

TCC: Gênero e educação sexual no conteúdo programático “reprodução humana” do Ensino Fundamental nas escolas públicas do distrito da Enseada de Brito.

Aline ingressou no curso de Licenciatura em Ciências da Natureza com Habilitação em Química com a intenção de ajudar no processo de transformação do bairro onde nasceu e cresceu, e viu na educação um meio para isso. A inquietação acerca da temática de gênero

sempre existiu, desde criança, por não compreender as diferenças de gênero em relação a brincadeiras consideradas “de menino ou de menina”, por exemplo, subir em árvores e pular muros, jogar futebol, brincar de boneca e de casinha. Aline era advertida pelos pais e, como a comunidade em que mora é pequena e todos se conhecem, pessoas fora do círculo familiar também a advertiam, pois ela gostava de “brincar de coisas de menino”. Quando questionava essas pessoas sobre o porquê de não poder brincar de determinadas coisas, não sabiam respondê-la, apenas diziam que era feio e que não podia.

Esses fatores, aliados às diferenças de gênero vividas em casa, pelo modo como ela e seu irmão eram diferentemente tratados, e às vivências na escola, onde os meninos praticavam todos os esportes, e as meninas aprendiam a montar castelos – durante as aulas de Educação Física –, sempre a fizeram questionar-se como e por que existiam essas diferenças relacionadas ao gênero. Ao ingressar no IFSC, e começar a ter contato com diversos materiais e professoras e professores engajados em questões sociais, Aline dialogava muito sobre as questões de gênero e feminismo, sendo este o “estopim” para pensar na temática de sexualidade em seu TCC. Seu principal objetivo ao trabalhar com educação sexual e gênero em seu TCC pretendia mostrar que até nos livros didáticos aparecia a discrepância de gênero, em relação ao machismo, e a apresentação de imagens, em sua maioria, representando o corpo masculino branco.

Ao trabalhar com essa temática, Aline aprendeu, e ainda aprende, a diferenciar suas atitudes em relação ao machismo, a instigar a transformação em amigas, amigos e familiares quando se tem alguma atitude considerada machista. Em sua prática docente, esse aprendizado reflete de maneira direta, principalmente nos conteúdos de educação sexual e sexualidade. Por vezes, já foi chamada pela direção da escola onde atua, para auxiliar em conflitos entre colegas de classe quando acontecem brigas ou atitudes pejorativas em função da sexualidade das alunas e alunos, além das questões de sexo e gravidez na adolescência. Também compartilha que, entre o corpo docente, ainda existem professores/as que possuem seus preconceitos, e vergonha de falar sobre a temática, e ela sempre frisa, para estes/as, que isso deve ser tratado com naturalidade.

Bruna, 24 anos, mestranda em Engenharia Química e gerente técnica em um laboratório de controle de qualidade.

Projeto de Estágio: Absorventes íntimos femininos e preservativos masculinos: Impactos ambientais.

TCC: Interesses profissionais de meninas em fase de escolha: Quando as Ciências Exatas não são uma opção.

Bruna ingressou no curso de Química, no IFSC, sem ter muita certeza de qual carreira gostaria de seguir para a vida profissional. A ideia de começar a falar sobre gênero foi uma construção de fatores internos e externos ao IFSC, concomitantemente. O local onde trabalhava, na época, como estagiária, e onde hoje é gerente técnica, era um laboratório onde só havia mulheres, e todas as áreas (administrativa, de análises e atendimento a clientes), incluindo a chefia, eram comandadas por mulheres. Ela considerava sua chefe a pessoa mais incrível do mundo, pois a todo momento empoderava as mulheres do laboratório, dizendo como elas conseguem, sim, fazer as coisas sozinhas. Bruna frisa que a empresa lida com clientes onde a maioria dos cargos de liderança são masculinos. Cita, também, que às vezes esses mesmos clientes vão ao laboratório onde ela trabalha, desqualificar os resultados que por elas são emitidos. Para ela, foi muito importante ter, num cargo de poder, uma figura feminina.

Dentro do curso de Licenciatura, a ideia de falar sobre mulheres em seu Projeto de Estágio veio da junção dos fatores: ser uma mulher, forte, independente e cientista. Sua principal motivação para trabalhar com a temática de gênero era falar sobre algo que ela gostava, que a fazia sentir-se bem, feliz, e que tivesse vontade de escrever, aliando com a problemática ambiental além de, é claro, perceber a necessidade de conversa sobre o tema, pois ela sentia que as pessoas têm medo e vergonha de falar sobre a temática. Já a inspiração para o tema de seu TCC surgiu da participação em um projeto com uma professora, que trabalhava com mulheres em profissões tipicamente masculinas. A partir disso, surgiu a ideia de trabalhar com a temática de mulheres na área das Ciências Exatas e da Terra.

Até o fim do curso, Bruna não se via como uma cientista, por mais que, durante a graduação, tivesse trabalhado em projetos o tempo inteiro, produzido e publicado artigos e participado de inúmeros congressos. Isso se dava pois, para ela, sem uma certificação, ela “não era nada” (em suas palavras). Ao se formar, porém, Bruna passou a se ver como uma cientista, nem a melhor ou a mais inteligente, mas uma que sabe daquilo que estudou, sentindo-se segura e capaz de enfrentar tudo o que se propõe a passar.

Carolina, 27 anos, empresária.

Projeto de Estágio: Os ideais feministas no Ensino de Química: Uma proposta pedagógica problematizadora.

TCC: Discussões de gênero e do movimento feminista no Ensino de Química: Uma proposta pedagógica de articulação.

Ao se formar no Ensino Médio, Carolina estava sofrendo pressão psicológica, principalmente por parte de seu pai, a escolher cursos superiores que, tipicamente, traziam uma boa remuneração. Ela, porém, não se identificava com nada nas áreas propostas, pois gostava de arte, música e esporte, e queria seguir um caminho nessa perspectiva. Na hora de escolher um curso superior, estava um pouco perdida, e optou pela Química pois era uma disciplina que tinha afinidade na escola. Ao ingressar no curso, ainda se encontrava perdida, porém sabia que não podia parar, que precisava estudar e fazer alguma faculdade e, por este motivo, continuou no curso. Com o passar do tempo, foi se identificando muito com o curso, principalmente com a área das disciplinas pedagógicas, além de gostar de conversar muito com colegas e corpo docente.

Durante o Ensino Médio, quando ouvia sobre feminismo, ela não se manifestava, e apesar de concordar com os ideais feministas, achava que isso não era o suficiente para se considerar parte do movimento, pois não fazia nada, diretamente, em prol dele. Ao ingressar no curso, ela também tocava em uma banda, e, ao mesmo tempo que trocava experiências com outras mulheres, já engajadas na luta feminista externamente ao IFSC, dentro da instituição também foram surgindo esses debates, principalmente com as professoras. A partir destes ambientes, ela começou a fazer conexões e, em um dado momento, tudo o que ela pensava era sobre discussões de gênero e feminismo.

Em relação ao seu Projeto de Estágio e TCC, Carolina tinha em mente que precisava trabalhar em cima de algo que ela gostasse muito, que enxergasse uma mudança dentro do ambiente proposto, e que percebesse que o trabalho iria servir para a posteridade. Desde a quarta fase do curso ela já tinha isso em mente, que trabalharia com a Química contextualizada a algum movimento social. A partir das discussões sobre feminismo e gênero, ela passou a ter mais empatia perante as outras pessoas, e os conflitos com outras mulheres, que já eram algo raro, foram reduzidos a zero.

Além disso, na época em que Carolina estava descobrindo o feminismo, tornou-se muito reativa em relação a essas questões e, às vezes, até agressiva na forma de reagir, pois se via em uma sociedade que lhe retraía, e, sentindo-se injustiçada, tinha vontade de brigar com o mundo, questionando até mesmo o que ela queria ser. No começo dessa descoberta, então, ela sofreu um pouco até perceber que podia relaxar, e que nem tudo é única e exclusivamente sobre

gênero. Depois do amadurecimento acerca do movimento, e de graduar-se na faculdade, ela começou a trabalhar em um laboratório e, ali, sentiu que a sua presença fez a diferença no modo de pensar de seus colegas. A partir de suas reflexões sobre o feminismo e outros movimentos sociais, outras meninas em seu trabalho começaram a se interessar pelo movimento, piadas racistas e homofóbicas não mais existiam naquele ambiente e, em sua família, ela considera suas irmãs mais resolvidas e livres do que ela era na idade delas.

Leila, 44 anos, redatora de patentes na área da Química.

Projeto de Estágio: O gênero de Química: Visibilizando histórias de vidas extraordinárias.

Já bacharel em Química, Leila trabalhou na indústria por anos e, após sofrer episódios de assédio moral, baseados na questão de gênero, nos locais onde trabalhou, acabou entrando em um processo de depressão profundo, e afastou-se da profissão. Durante o tempo que estava afastada, inscreveu-se em um edital para professora substituta no IFSC Florianópolis, sendo selecionada. Apaixonou-se pela docência e, por isso, decidiu que precisava especializar-se para oferecer uma experiência didática melhor para suas alunas e alunos. Ao ingressar no curso de Licenciatura, no primeiro dia de aula sofreu assédio moral do docente que estava em sala, o que perdurou até o fim do semestre. Apesar dessa experiência inicial negativa, ela adorou o curso, e chegou a publicar um livro sobre as mulheres da cidade de São José – SC.

Seu interesse pela temática de gênero veio do histórico de ter trabalhado por muitos anos na indústria e ter sofrido, na pele, a violência de gênero. Com isso, Leila adquiriu consciência sobre o que é a nossa sociedade, e do seu papel nela. Apesar de, às vezes, duvidar se vale a pena lutar e enfrentar as coisas e pessoas para tomar seu lugar, ela sabe que faz a diferença em seu meio. Em uma situação, em seu trabalho, foi convidada para participar de um projeto onde ela era a única mulher e, durante o evento, questionava-se se valia a pena mesmo estar ali, chegando à conclusão de que sim, valia, pois estava marcando presença, uma presença feminina no ambiente. Numa competição de um programa de intraempreendedorismo, o grupo que ela estava realizando a mentoria ficou em segundo lugar, o grupo da única mentora mulher do programa. Leila sempre foi uma das únicas mulheres em seus locais de trabalho, que são locais culturalmente masculinos, e, como ministra vários treinamentos, já ouviu de outras mulheres, ao fim de palestras, por exemplo, que elas nunca imaginaram que uma mulher poderia estar na posição dela, e que a partir disso, pensavam também em começar suas próprias empresas e ministrar cursos.

Em sua primeira graduação, Leila entrou e saiu do curso sem que ninguém soubesse o seu nome, pois ela queria ser invisível, não queria que as pessoas soubessem que ela estava lá, por conta da questão da violência de gênero. Já em sua vivência no IFSC, ela conseguiu se mostrar mais, ter a coragem de dizer o que pensa e de contribuir com o que pode, não tendo a vontade de se fazer invisível, salvo a sua primeira experiência na instituição. Seu objetivo principal ao trabalhar com a temática de gênero no Projeto de Estágio era o de que outras mulheres não sofressem como ela e outras tantas já sofreram. Ao aplicar seu projeto, percebeu que o mundo já está mudando, mas que ainda há muito mais luta para que ocorram mais mudanças. Em seu estágio, plantou sementes e viu resultados posteriores à aplicação dele, acompanhando as alunas e vendo que elas, em seus projetos na escola, faziam questão de contar a história das mulheres envolvidas no processo investigado na pesquisa.

3.2 DISCUSSÃO DE RESULTADOS

As pesquisas que envolvem a história de vida retratam o cotidiano das pessoas entrevistadas, tendo como foco suas experiências e visões de mundo (SPINDOLA; SANTOS, 2003). No presente trabalho, foram analisados os discursos das mulheres que escreveram seus Projetos de Estágio e TCCs dentro da temática de gênero e ensino. Ao analisar as falas das entrevistadas, notamos similaridades em seus discursos, relacionadas às vivências e percepções de mundo. Em relação ao surgimento do interesse na temática de gênero, tanto Bruna quanto Carolina tiveram essa curiosidade e atração pelo tema a partir de vivências externas ao IFSC, mas também dentro da instituição, a partir de diálogos com docentes e participações em projetos. Carolina afirma que

[No IFSC] eu fui me identificando cada vez mais, assim, com tudo sabe, com os professores, com os colegas, com as discussões que a gente tinha, eram sempre debates profundos. [...] eu comecei a explorar coisas que eu nunca tinha explorado em mim, sabe, tinha muita coisa guardada mas eu não tinha a oportunidade de conversar com alguém, não tinha essa experiência de trocar ideia, de entender a sociedade como um todo. Assim, no IFSC que eu virei vegetariana, e agora vegana, no IFSC que eu conheci a fundo o feminismo, sabe, então eu fui me descobrindo ali, mesmo, foi um processo de descoberta (Entrev. Carolina, 13 jul. 2021).

Bruna destaca que o interesse em falar sobre gênero, além das vivências nos ambientes de trabalho e familiar, surgiu também da

[...] construção dentro do curso, porque a ideia de falar mulheres na ciência, sobre esse tipo de coisa, veio lá no IFSC, então são esses fatores que foram fazendo com que eu juntasse todos eles e falasse “nossa, eu sou uma mulher, forte, independente, sou uma cientista”, entende? (Entrev. Bruna, 15 jul. 2021)

Esse fato vai ao encontro do que afirma Jesus (2015), quando diz que as professoras e professores, por se encontrarem diretamente ligadas/os ao exercício pedagógico, desempenham papel fundamental em suas práticas didáticas no estímulo das alunas e alunos às formas de agir perante o mundo, em relação a como enxergá-lo e compreendê-lo sob novas visões. Enxerga-se a instituição educacional, portanto, como um espaço essencial de discussões sociais. Por conta disso, Giroux (1997), destaca que educadoras e educadores progressistas, dentro dos mais diversos espectros ideológicos, devem tornar as instituições de ensino locais que, além da aprendizagem, forneçam propósitos democráticos. A partir disso, evidencia-se a necessidade de cursos de formação continuada para docentes, bem como novas práticas pedagógicas que fomentem a equidade de gênero (REIS, 2011).

Os interesses acerca do gênero de Aline e Leila foram construídos de outra maneira. Aline diz que:

[eu] sempre tive esse interesse desde pequena, mas eu não sabia o que era, assim, dar nome a isso, no caso. Com relação principalmente ao machismo, a essas diferenças de gênero. Por exemplo, quando eu era criança “ah tu não pode jogar bola, porque jogar bola é coisa de guri”, “ah porque tu não pode soltar pipa, porque é coisa de guri, vai brincar de boneca”, e eu era, assim, muito moleca. Eu gostava tanto de brincar de boneca, como eu também gostava de subir em árvore, gostava de pular muro, sabe. [...] E eu não conseguia entender, quando os meus pais, ou até outras pessoas [...] ficavam me xingando às vezes, sabe, me chamavam de “machorra”, que é “sapatona” [lésbica], enfim, um monte de coisa, porque eu gostava de brincar com “coisa de menino” (Entrev. Aline, 15 jul. 2021).

De acordo com Osório (2007), a construção social envolvendo os papéis de gênero é construída tanto a partir da família quanto da escola. No caso de Aline, como citado anteriormente, ela vivenciava isso no ambiente familiar, mas presenciava isso

[...] na escola, também, Educação Física, que as meninas eram separadas dos meninos, então a gente tinha que ficar brincando de fazer castelinhos e os meninos ficavam jogando voleibol, handebol, futebol, e aí eu ficava questionando a professora de Educação Física “pô, quero jogar bola, não quero só ficar fazendo castelinho”, sabe (Entrev. Aline, 15 jul. 2021).

A construção dos papéis de gênero é dada, portanto, além dos fatores família e escola, através de brinquedos e brincadeiras, como indica a revisão de Kishimoto e Ono (2008). Brougère (1997) afirma que a brincadeira, para a criança, não é um processo de brincadeira natural e inato. A brincadeira é um processo de aprendizagem que está, geralmente, cercado por adultos. Isso indica que a criança brinca com os brinquedos que a ela são fornecidos, geralmente pelos pais e mães, sem poder de escolha, e até mesmo sem saber quais brinquedos prefere, pois ainda não possui maturidade para tal. É neste contexto que se iniciam as

“preferências” das crianças, que são construídas a partir da escolha de brinquedos e brincadeiras pela divisão de gênero, pelos adultos que estão ao seu redor e, junto a isso, são criados, além dessas preferências, os estereótipos de gênero (KISHIMOTO; ONO, 2008). Quando uma criança foge desses estereótipos, como Aline, isso vira alvo de preocupação, pois a mesma não está seguindo o desenvolvimento padronizado imposto pelas pessoas que estão em seu entorno (LOURO, 2003).

Já o interesse de Leila na temática surgiu a partir de traumas vividos. Bacharel em Química, na época em que trabalhava na indústria

[...] não tava bom, eu não tava gostando, tinham questões assim, de assédio moral, era bem desagradável, pra mim, estar lá. E aí eu entrei num processo de depressão, bem grave, e me afastei, e aí fiquei pensando “tem que ter outra possibilidade de profissão”. [...] Todos os lugares que eu passei teve algum episódio, assim, de assédio moral. Eles adoram espremer mulher, na indústria é bem difícil (Entrev. Leila, 15 jul. 2021).

O termo “violência contra as mulheres”, de acordo com as Nações Unidas (1993, Art. 1º, tradução livre) significa “todo ato baseado em violência de gênero que resulte, ou possa vir a resultar, em dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico às mulheres, incluindo ameaças de tais atos, coerção ou privação arbitrária da liberdade, quer aconteça em público ou na vida privada”. Velázquez (2006) afirma que a violência de gênero, portanto, compreende inúmeras formas de violência, dentre estas: doméstica, familiar, conjugal, psicológica e, entre outras, a laboral. O assédio no ambiente de trabalho é definido, por Hirigoyen (2019, p. 65) como “toda e qualquer conduta abusiva manifestando-se sobretudo por comportamentos, palavras, atos, gestos, escritos, que possam trazer dano à personalidade, à dignidade ou à integridade física ou psíquica de uma pessoa”.

Através da fala de Leila, e segundo Andrade e Assis (2018), percebemos que o assédio moral que ocorre no ambiente laboral está intimamente ligado aos abusos hierárquicos e à subjugação, ocorrendo, portanto, de forma intencional. Quando envolve-se o gênero nessa perspectiva, Kergoat (2009) aponta que a divisão social do trabalho envolve dois princípios de organização: o separativo, onde existem trabalhos de homens e de mulheres, ou seja, separados por gênero; e o hierárquico, onde o trabalho do homem possui mais valor do que o da mulher. Os estudos de Andrade e Assis (2018) afirmam que o assédio moral que as mulheres sofrem durante suas vidas no ambiente de trabalho, não é experienciado da mesma maneira que os homens, justamente por conta das relações de gênero no trabalho.

É possível relacionar essa violência no ambiente de trabalho através de “pequenas” atitudes. Bruna, por exemplo, vivenciava isso com alguma frequência no laboratório em que trabalha. Sua chefe realiza contato com diversos clientes,

[...] que na maioria dos cargos de liderança, são masculinos. Então a vida dela é estar lidando o tempo todo com clientes que são homens, que às vezes vêm lá no nosso ambiente de trabalho falar assim “por que que o laudo de vocês tá dando errado?”. Entende? Querem te desaforar (Entrev. Bruna, 15 jul. 2021).

Esse apontamento corrobora com o que traz Nogueira (2010, p. 59), quando diz que “a divisão sócio-sexual do trabalho expressa uma hierarquia de gênero que, em grande medida, influencia na desqualificação do trabalho feminino assalariado”. Essa divisão provoca, além do menosprezo à força de trabalho feminina, uma precarização dessa mesma força no mundo do trabalho.

Já em relação às motivações das discentes, Aline queria mostrar, ao trabalhar com as temáticas de gênero, sexualidade e ensino, que

[...] até nos livros didáticos, essa discrepância, essa diferença, esse machismo, o masculino, ele tá ali dentro. [...] Então essa coisa das imagens, é sempre o corpo do homem que tá ali, exposto, sem falar do homem branco, porque também tem isso, tem várias questões (Entrev. Aline, 15 jul. 2021)

Bruna e Carolina pretenderam, ao trabalhar com a temática, primeiramente satisfazer seus desejos pessoais, pois queriam escrever sobre coisas que as interessavam, contudo, também percebiam a necessidade da construção de trabalhos abordando a perspectiva proposta.

Então, primeiro, a minha primeira coisa era falar uma coisa que eu gostava de falar, porque eu queria falar de alguma coisa que me deixava bem, me deixava feliz, que eu tivesse vontade de escrever, e que fosse totalmente meu. [...] E vendo também a necessidade desse tipo de conversa [...] que ninguém fala, porque as pessoas têm medo de falar das coisas, elas têm vergonha de falar das coisas, e a gente não tem que ter (Entrev. Bruna, 15 jul. 2021).

[...] uma coisa que foi muito determinante era a forma como eu me enxergava e como eu achava que as coisas tinham que ser pra eu conseguir fazer um TCC. Eu já tinha na minha mente assim ó, se eu não fizer sobre um assunto que eu goste muito, e que eu veja uma mudança naquilo, que eu veja que o meu trabalho vai servir pra alguma coisa, que me motive, eu não vou conseguir fazer, então eu precisava encontrar alguma coisa que falasse de Química e que falasse de algum movimento social, isso já, sei lá, desde a quarta fase, quinta fase, eu já tinha noção de que eu iria querer fazer alguma coisa sobre isso. Eu tava começando a me interessar mais sobre política, sobre várias questões, e aí eu sabia que eu queria falar de Química contextualizando com algum movimento social (Entrev. Carolina, 13 jul. 2021).

Já Leila,

[...] bem inocente, da minha parte, eu queria mudar o mundo. Eu não queria que outras mulheres sofressem. Quando eu comecei a aplicar, ali, o projeto, eu percebi que o

mundo já tá mudando [...], mas que tem muito mais ainda que a gente precisa lutar para que mude (Entrev. Leila, 15 jul. 2021).

As teorias motivacionais, de acordo com Pintrich (2003), buscam respostas em torno do que move as pessoas, bem como o papel que as atividades e tarefas desempenham nesse processo. Em outras palavras, ele questiona o que as/os estudantes desejam. Segundo Guimarães, Bzuneck e Sanches (2002), devem ser levados em consideração dois tipos de motivação: a intrínseca e a extrínseca. A intrínseca relaciona-se com o grau de envolvimento que a pessoa possui em atividades específicas por interesse próprio, seja por achar essa atividade interessante, envolvente ou satisfatória, em grau pessoal, sem sentir-se constrangida por sentir-se interessada na atividade em questão. Já a motivação extrínseca, por sua vez, possui uma motivação embasada no trabalho como resposta à obtenção tanto de recompensas, sejam elas materiais ou sociais, quanto de reconhecimento e, até mesmo, com o propósito de responder aos comandos de terceiros. No caso das entrevistadas, percebe-se que suas intenções giram em torno, neste contexto, da motivação intrínseca, pois todas elas, à sua maneira, desenvolveram seus trabalhos baseadas em *seus* interesses, em *suas* crenças e, acima de tudo, buscando desvendar os *seus* objetivos pessoais, mesmo eles compreendendo um ambiente social. Além dos interesses pessoais, todas também procuraram transformar o meio em que estavam inseridas, preconizando os movimentos sociais aos quais são ligadas e, acima de tudo, buscando o compartilhamento dos conhecimentos que adquiriram durante todo o percurso de suas vidas, principalmente dentro da Licenciatura.

Relacionando a forma como surgiu o interesse pela temática de gênero às motivações das discentes para trabalhar com essa perspectiva, questiona-se: como essas relações influenciaram em suas constituições identitárias? Segundo Barton e Hamilton (2000) a aprendizagem é realizada através dos ambientes em que somos inseridas, a grupos que possuem suas próprias maneiras de se relacionar entre si, ou seja, agir, falar, e até mesmo no modo de interpretar e usar a língua. Quando estamos dentro de grupos, cabe a nós mudar ou não a nossa percepção em função do que nos é apresentado naquele ambiente. Nesse contexto, é cabível até mesmo uma mudança de identidade (HOLLAND et. al., 1998). No caso das entrevistadas, cada uma apresenta a sua visão acerca de como os debates e trabalhos sobre gênero influenciaram em suas constituições identitárias. Aline, por exemplo, afirma que aprendeu muito:

[...] eu consigo diferenciar muito mais as minhas atitudes com relação ao machismo, eu tenho uma outra postura com os meus amigos, com as minhas amigas, com a minha família, e reconhecer quando a gente tem alguma atitude que é machista, tentar

transformar isso, interiorizar. Esse conhecimento que eu adquiri [...] nas minhas aulas, sobre educação sexual e sexualidade, ajuda muito. Eu ajudo, às vezes, em alguns conflitos que acontecem na escola, as diretoras me chamam, às vezes, pra conversar, pra ver o que a gente pode fazer juntos, quando rola alguma briga, porque fulano disse que é gay, ou ciclano... sabe, essas coisas assim, de falar sobre essa questão do sexo na adolescência, enfim, gravidez na adolescência. Então, pra mim assim, é uma questão que hoje é mais fácil de trabalhar, eu me sinto com mais propriedade, eu me apropriei um pouco desse conhecimento (Entrev. Aline, 15 jul. 2021).

Bruna fez uma análise sobre as diferenças de como entrou e saiu do curso de Licenciatura:

[...] quando eu entrei no curso eu só me via como uma pessoa normal, estudando. [...] É difícil a gente ver no começo da graduação como uma pessoa que vai produzir alguma coisa, que vai ser uma cientista. Então, no começo, assim, eu não me via na graduação como uma cientista, mesmo participando de projetos o tempo inteiro, participei de projeto durante toda a graduação, fiz vários artigos, fui pra vários congressos, publiquei em revista, e mesmo assim eu não me via como uma cientista, porque parecia que o fato de eu não ter o meu título durante a minha graduação, eu não era nada. Mas, me formei, ganhei meu diploma, fiquei super feliz, e eu falei assim “não, agora, eu sou”, e eu acho que não era uma questão de alguém que me limitava, era só o meu pensamento sobre a questão de ter ou não aquele diploma, sabe. E a gente vê que, tipo assim, não precisa você estar em um ambiente acadêmico pra tá produzindo ciência, eu trabalhei por um ano direto, sem estar no mestrado, num laboratório privado, e sim, a gente faz ciência, de uma forma mais reduzida, mais focada no que o cliente te pede, mas se faz ciência naquele ambiente de trabalho (Entrev. Bruna, 15 jul. 2021).

Carolina afirma que a discussão sobre gênero no curso, em sua formação identitária:

[...] influenciou muito, porque eu comecei a entender várias coisas que eu não entendia, [...] comecei a ter mais empatia perante as outras pessoas. [...] E em algumas coisas assim, não que me atrapalhou, mas a cabeça da gente às vezes faz muita confusão, então eu comecei a ser muito reativa, também tive uma época de ser mais violenta, de já rebater na hora e às vezes isso ser um pouco contraproducente, porque às vezes tem outra forma de tu conseguir agir ali no momento. [...] Então isso aí foi uma bagunça na minha cabeça, mas ao mesmo tempo me deu força pra lidar com várias coisas, e aí depois de eu passar por esse momento turbulento, que agora eu já considero que eu tô um pouco mais madura, assim, agora é a parte vantajosa, onde no meu trabalho eu consegui aplicar muito isso, consegui botar a sementinha ali do feminismo, da transformação, na cabeça de várias pessoas. [...] deu pra sentir que a minha presença realmente mudou muito a cabeça da galera ali sabe, e hoje eles por conta própria já têm noção das coisas assim. Muitas meninas começaram a se interessar por feminismo, piada homofóbica, racista, e tal, tudo isso, não acontece mais, então eu acho que pelo meu acesso a essas questões que eu consegui replicar em alguns locais, foi bem importante (Entrev. Carolina, 13 jul. 2021).

Leila, por já possuir bagagem prévia à Licenciatura, relata que:

[...] eu já tinha bastante consciência, assim, do que é a nossa sociedade, ainda hoje, infelizmente, e do meu papel. Às vezes eu duvidava um pouco, assim, “ah, será que compensa”? Será que compensa brigar, será que compensa enfrentar? Isso eu acho que mudou [...] sabe, a gente acha que a gente não vai fazer diferença, mas a gente faz. [...] às vezes eu não sinto vontade de fazer as coisas por mim, sabe, “ah lá vou eu representar não sei o que, falar de não sei o que”. Outro dia [...] me convidaram pra fazer parte de um negócio aí, enfim, de uma turma, e eu fui e só tinha homem. Eu era

a única mulher, e aí aqueles homens do eguinho desse tamanho [sinal de pequeno com a mão], sabe, um querendo falar mais alto que o outro, e eu lá, fiquei por último pra falar, pra expor a minha opinião, fiquei pensando assim “compensa eu ficar ali naquele ambiente nojento?”, e eu fiquei pensando, depois, justamente isso, compensa, porque eu tô marcando presença, eu sou uma mulher lá. Outras mulheres vão vir depois, e vão saber que aquilo já foi desbravado, que já teve uma mulher lá. [...] então acho que é sobre isso que eu aprendi mais, que mudou em mim, sabe, mesmo quando eu não me sinto bem, não acho que vale a pena, eu vou, eu faço, pra desbravar (Entrev. Leila, 15 jul. 2021).

Tápias-Oliveira (2006) afirma que o papel que a professora ou o professor possuem, ao dar influência a determinado tópico ou perspectiva, pode refletir na maneira como as/os discentes enxergam o mundo. Bernardelli (2004), aponta que um dos principais deveres da/o docente é transformar o momento em sala de aula em um caminho, o qual conduz as educandas e educandos a encontrar respostas para as mais diversas perguntas, trabalhando, portanto, o seu raciocínio lógico. Essas respostas devem, contudo, conseguir satisfazer as perguntas das mais variadas esferas de conhecimento, relacionando-as, também, à realidade em que estão inseridas/os.

Sob essa perspectiva, o incentivo, e também o fomento, à formação docente faz-se necessário, pois é através da formação que as professoras e professores são transformados e passam a transformar, pois entram em contato com novas perspectivas sociais e, assim, replicam esses novos conhecimentos em suas relações educativo-pedagógicas (YAVORSKI; CAMPOS, 2019). Por meio dessas formações continuadas, então, as/os docentes renovam seus conhecimentos, e apropriam-se mais de determinados assuntos. Relacionando essa formação à temática de gênero e ensino, acabam, enfim, incentivando novas alunas e alunos a mergulharem nessa perspectiva, com cada uma dessas pessoas trazendo novas perspectivas para a sociedade e transformando o mundo aos seus arredores.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A motivação possui relações com os interesses, escolhas, valores e objetivos de cada pessoa. Ao analisar os discursos das entrevistadas, percebe-se que todas desenvolveram seus TCCs e Projetos de Estágio visando uma transformação no meio em que se encontravam inseridas, cada uma dentro de sua singularidade. Vimos aqui que as motivações giram em torno do que interessa a cada indivíduo. No caso dos sujeitos da pesquisa, o que instigou esse movimento foram as suas vivências cercadas, cada uma à sua maneira, da exposição à temática de gênero dentro das mais diferentes perspectivas: diferenças de gênero na infância, assédio moral no ambiente laboral e a construção de diálogos acerca do tema dentro do ambiente

acadêmico. Para o desenvolvimento do presente trabalho, as motivações das autoras também partiram da perspectiva intrínseca, por conta de suas vivências e interesses, que possuem diversas relações com os discursos das entrevistadas, conectando-se, também, com experiências de assédio no ambiente laboral, machismo na infância e, sobretudo, discussões sobre a temática de gênero no percurso da Licenciatura, se apresentando, portanto, como uma união das motivações de todas as entrevistadas.

Aqui, vimos a importância da ocorrência de diálogos e debates que visem a construção identitária das alunas e alunos dentro das perspectivas sociais de aprendizagem, afinal, os dados mostram a importância do debate de gênero nos cursos de Licenciatura para a desconstrução de estigmas e estereótipos sobre essa temática. Os reflexos dos debates sobre esse tema na formação inicial, se refletem na identidade dessas professoras quando formadas, e, conseqüentemente, nas ações que realizarão no espaço em que estão inseridas. Mesmo nas Licenciaturas do IFSC/SJ, a temática de gênero não está representada em um componente curricular, mas surgiu, conforme o discurso das entrevistadas, de forma transversal em alguns momentos, apresentando marcas na constituição identitária das estudantes que dele participaram. Daí, a importância de uma formação docente que instigue o corpo discente, e que não seja realizada somente de uma forma vertical e, também, a necessidade de o tema ser constantemente trabalhado e discutido nos cursos de formação de professoras e professores. Além disso, mostram-se pertinentes mais reflexões e ações envolvendo esse tema na graduação, apesar das ações isoladas que já foram/são realizadas. Os conteúdos precisam ser articulados e fazer sentido de modo a integrar, de fato, o ambiente acadêmico e as vivências de todas e todos presentes naquele local, além de incentivar o pensamento crítico das/os discentes para as situações além do ambiente acadêmico.

A formação identitária e os interesses em determinados temas são construídos, principalmente, através das vivências de cada pessoa. Aline, Bruna, Carolina e Leila desenvolveram seus trabalhos baseadas em motivações intrínsecas, e a parte mais rica em relação às suas compreensões sobre a temática de gênero acabaram por vir depois da realização de seus trabalhos, estando diretamente ligadas à maneira que esses debates constituíram as suas personalidades, e refletiram em seus modos de enxergar a sociedade, e ao modo que elas continuaram abordando o tema em suas vidas após a graduação, em relação à perspectiva de gênero.

O presente trabalho, portanto, conseguiu, através da análise do discurso das entrevistadas acerca de suas vidas, identificar as principais motivações que as levaram a trabalhar com as temáticas de gênero e ensino em seus Projetos de Estágio e Trabalhos de Conclusão de Curso e, alcançar, também, as problemáticas envolvendo as diferenças de gênero que permearam tais motivações, bem como o que pretendiam ao desenvolver tais trabalhos, numa perspectiva considerando o âmbito social em que se encontravam inseridas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, C.B.; ASSIS, S.G. Assédio moral no trabalho, gênero, raça e poder: revisão de literatura. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 43, n. 11, 2018, p. 1-13. <http://dx.doi.org/10.1590/2317-6369000012917>.

ARAÚJO, Manoela Maria de. **O machismo no ambiente escolar**: A verificação da existência de diferenças de tratamento entre alunas/professoras e alunos/professores no CED 14 de Ceilândia. Dissertação (mestrado). Curso de especialização em educação em e para os direitos humanos, no contexto da diversidade cultural. Instituto de Psicologia. Brasília, 2009.

BARTON, D.; HAMILTON, M. Literacy practices. In: BARTON, D.; HAMILTON, M.; IVANIČ, R. **Situated literacies**: reading and writing in context. New York: Routledge, 2000.

BERNARDELLI, Marlize Spagolla. Encantar para ensinar: um procedimento alternativo para o ensino de química. In: VOLPI, J.H.; VOLPI, S.M. **1ª Convenção Brasil Latino América e 9º Congresso Brasileiro de Psicoterapias Corporais**. Foz do Iguaçu, 2004.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988, 292 p.

_____. Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 29 dez. 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11892.htm> Acesso em: 16 out. 2019

_____. Plataforma Nilo Peçanha. **Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica**, 2019. Disponível em: <<http://plataformanilopecanha.mec.gov.br/2019.html>>. Acesso em: 20 ago. 2019.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. Revisão técnica e versão brasileira adaptada por Gisela Wajskop. 2ª ed., São Paulo: Cortez, 1997. ISBN: 85-249-0560-3

DICIO. “Sexismo”. **Dicionário Online de Português**, 07 out. 2019. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/sexismo/>>. Acesso em: 07 out. 2019.

DREWS, Franciele. Estágios Supervisionados nas Licenciaturas do IFSC-SJ: práticas e propostas de formação. In: AGUIAR, Paula Alves de [et al.] (Org.). **Estágio Supervisionado na Formação Docente: Experiências e Práticas do IFSC-SJ**. Florianópolis: Publicações do IFSC, 2019. 298 p., ISBN: 978-85-8464-129-1.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. 27ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

GIROUX, Henry. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Tradução de Daniel Bueno. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GUIMARÃES, S.E.R.; BZUNECK, J.A.; SANCHES, S.F. Psicologia educacional nos cursos de Licenciatura: A motivação dos estudantes. **Psicologia Escolar e Educacional**, vol. 6, n. 1, 2002, p. 11-19.

HIRIGOYEN, Marie-France. **Assédio moral: a violência perversa no cotidiano**. Tradução de Maria Helena Kühner. 17ª ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019. ISBN 978-85-286-0740-6

HOLLAND, Dorothy et. al. **Identity and agency in cultural worlds**. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1998.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estatísticas de Gênero: Indicadores sociais das mulheres no Brasil**. Estudos e Pesquisas - Informação Demográfica e Socioeconômica. Brasília, 2. ed., n. 38, 2021.

IGNOTOFSKY, Rachel. **As cientistas: 50 mulheres que mudaram o mundo**. Tradução de Sonia Augusto. São Paulo: Blucher, 2017. 128 p.

JESUS, Railda Maria Bispo de. Onde está o gênero na formação docente? Algumas reflexões iniciais sobre as relações de gênero e o curso de Licenciatura em Eletromecânica do IFBA. In: **XII Congresso Nacional de Educação – EDUCERE**. Formação de Professores, complexidade e trabalho docente. PUCPR, 2015, p. 15025-15034.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, Helena (Org.). **Dicionário crítico do feminismo**. UNESP, 1 ed., 2009

KISHIMOTO, T. M.; ONO, A. T. Brinquedo, gênero e educação na brinquedoteca. **Proposições**, São Paulo, v. 19, n. 3 (57) - set./dez. 2008, p. 209-223.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. 184 p.

NOGUEIRA, Claudia Mazzei. As relações sociais de gênero no trabalho e na reprodução. **Aurora** (UNESP), ano IV, n. 6, 2010, p. 59-62

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 9, jan. 2000. ISSN 1806-9584.

NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães et al. O método de história de vida: exigência de um encontro em tempos de aceleração. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, vol. 12, n. 2, mai./ago. 2017.

OSÓRIO, Conceição. A socialização escolar: educação familiar e escolar e violência de gênero nas escolas. **Outras Vozes**, n. 19, 2007.

PAULILO, Maria Angela Silveira. A Pesquisa Qualitativa e a História de Vida. **Rev. Serviços Sociais**. Londrina, v. 2, n. 1, jul./dez. 1999.

PINTRICH, Paul Robert. A Motivational Science Perspective on the Role of Student Motivation in Learning and Teaching Contexts. **Journal of Educational Psychology**, vol. 95, n. 4, 2003, p. 667-686.

REIS, A. P. P. Z.; GOMES, C. A. Violência Simbólica nas Relações de Gênero: Práticas Pedagógicas Reprodutoras de Desigualdades. In: **IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE**. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, PUCPR, 2009, p. 190-209.

REIS, Greissy Leoncio. **O gênero e a docência**: Uma análise de questões de gênero na formação de professores do Instituto de Educação Euclides Dantas. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo. Salvador, 2011

RIBEIRO, A. S; PÁTARO, R. F.. O sexismo na escola: algumas reflexões. In: **IX Encontro de Produção Científica e Tecnológica**. Campo Mourão, 2014. Disponível em: <http://www.fecilcam.br/nupem/anais_ix_epct/PDF/TRABALHOS-COMPLETO/Anais-CH/16.pdf>. Acesso em: 26 out. 2019

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, ano 1, n. 1, jul. 2009.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Tradução de Guacira Lopes Louro, versão em francês. Revisão de Tomaz Tadeu da Silva, de acordo com o original em inglês. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, p. 71-99.

SCOTT, P.; LEWIS, L.; QUADROS, M.T. Diversidade, diferença, desigualdade e educação. In: SCOTT, P.; LEWIS, L.; QUADROS, M.T. (org.). **Gênero, diversidade e desigualdades na educação**: interpretações e reflexões para formação docente. Recife: Editora Universitária UFPE, 2009, p. 11-22

SILVA, F. F.; RIBEIRO, P. R. C. Trajetórias de mulheres na ciência. **Ciência & Educação (Bauru)**, [s.l.], v. 20, n. 2, p. 449-466, abr. 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 73-102.

SPINDOLA, T.; SANTOS, R. S. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa (dora?). **Rev. Esc. Enferm.**, USP, 2003; 37(2):119-26.

TÁPIAS-OLIVEIRA, Eveline Mattos. **Construção identitária profissional no Ensino Superior: prática diarista e formação do professor**. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem. UNICAMP, 2006.

TEIXEIRA, R. R. P.; COSTA, P. Z. Impressões de estudantes universitários sobre a presença das mulheres na ciência. **Revista Ensaio**, Belo Horizonte, v. 10, n. 02, p. 217-234, jul-dez 2008.

UNITED NATIONS. **Declaration on the Elimination of Violence against Women**. Article 1. United Nations, General Assembly. 20 December 1993. Disponível em: <<http://www.un-documents.net/a48r104.htm>> Acesso em: 14 ago. 2021.

VELÁZQUEZ, Susana. **Violencias cotidianas, violencia de género: escuchar, aprender, ayudar**. Buenos Aires: Paidós, 2006.

YAVORSKI, R.; CAMPOS, M.A.S. Formação docente: a formação do professor e a influência sobre a aprendizagem do aluno. **MLS Educational Research**, vol. 3, n. 1, 2019, p. 25-42